

Diversão & Arte

○ **HOMEM** APAIXONADO PELO **TEATRO**

Paulo de Araújo/CB/D.A. Press

Morreu, ontem, em Fortaleza, aos 90 anos, o ator, diretor e arte educador B. de Paiva, que teve papel crucial na afirmação das artes cênicas de Brasília

B. de Paiva, em frente a painel com foto de Dulcina de Moraes, no Conic



» RICARDO DAEHN
» VINICIUS MILHOMEM

Ainda que não tenha realizado o sonho de viver um dos personagens mais complexos do teatro, o shakespeariano rei Lear, o diretor-dramaturgo, ator e educador B. de Paiva, morto aos 90 anos, em Fortaleza (CE), se desdobrou em inúmeras funções e papéis que redimensionaram as artes cênicas no Brasil. Chegado a Brasília, depois de fundar o teatro universitário da Universidade Federal do Ceará (em 1965), ele foi o braço direito de Dulcina de Moraes, de quem herdou inúmeras responsabilidades no comando da Fundação Brasileira de Teatro (FTB). O corpo de José Maria Bezerra de Paiva foi enterrado, ontem, no Cemitério São João Batista (Fortaleza).

Envolvido com as artes cênicas, desde os 15 anos, para entender as paixões de B. de Paiva é preciso buscar as origens, no Ceará em que nasceu. Fonte segura é o diretor de *Milagre em Juazeiro* (1999), no qual B. de Paiva interpretou um bispo, Wolney Oliveira, que tinha o ator como “um pai”, dada a amizade de B. de Paiva com o advogado e cineasta Eusélio Oliveira, pai de Wolney. “Ele foi o fundador da Secretaria de Cultura do Ceará, simplesmente a primeira do Brasil. Além de reitor de universidade no Rio de Janeiro, ele chegou a ser diretor do Teatro Nacional (em Brasília)”, rememora. Entre lembranças de espetáculos que tiveram B. de Paiva em cena, a exemplo de *O morro dos ventos uivantes*, Wolney destaca a figuração de excelente papo. “Uma vez, registrei uma série de anedotas da vida dele, contadas numa fita VHS. Num discurso acadêmico, ele entreteve os alunos com longas histórias da trajetória do dramaturgo russo Sinansky, dono de bibliografia e livros esgotados — Sinansky, na verdade, nunca existiu”, relembra, às gargalhadas.

Wolney conta que B. de Paiva era um provocador, e dos bons — disparava pérolas como a de que foram os militares, no governo, que criaram a Embrafilme, vital para o cinema nacional. Diante de uma bagagem “sensacional”, B. de Paiva — que computou mais de 500 participações em projetos de rádio, tevê e teatro — enriqueceu um acervo pessoal, disposto em Luziânia, num galpão de amigo fazendeiro. Documentos e livros raríssimos estavam na mira de Wolney e de Rosemberg Cariry (que dirigiu B. de Paiva em *Corisco e Dadá*) para a feitura de um documentário.

Outro cineasta, Pedro Jorge, lembrou com gratidão do colega, professor e ator que viveu alguns de seus personagens. “Ele foi amigo de movimentos estudantis,

em tempos ainda mais difíceis. Era um agregador de equipe, ator de muitas faces e gestos”, descreveu. Produtora cultural e amiga de B. de Paiva, Daniela Gonçalves acompanhou parte do dia a dia de B. de Paiva em Fortaleza, para onde ele se mudou, em 2014, com a esposa, a atriz Lourdinha Martins. Daniela dimensiona a importância do mestre de quem foi aluna, quando ele coordenou a Faculdade de Teatro Dulcina de Moraes: “Ele é uma referência no fazer teatral — um homem de vanguarda. O B. de Paiva era o meu pai do teatro e Dulcina foi a mãe do teatro, eles foram importantíssimos para a história cultural do nosso país. Com ele, morreu a história do teatro brasileiro”.

“É um sentimento que mistura a tristeza de perder alguém com quem eu convivi tanto, e que foi importante para a minha vida e, ao mesmo tempo, vem a certeza de que a vida é isso: ele morreu com 90 anos, teve uma vida plena de muita realização. Fico tranquilo de que a vida siga”, pontua o ator, diretor e ex-secretário de cultura do DF Guilherme Reis. Com B. de Paiva, Reis participou de iniciativas como a fundação do Festival Latino-Americano de Arte e Cultura (Flaac), entre 1987 e 1989. Eles ainda estiveram juntos na Fundação Brasileira de Teatro (FBT), na qual B. de Paiva era coordenador, e Reis presidia o teatro Dulcina.

Ensinos

Na rotina do fazer teatral havia uma lacuna na pegada de ensaios que não incorporavam, a contento, o processo do ator moderno, numa era pré-B. de Paiva. Tudo mudou com cenas moldadas a partir da memória afetiva e de técnicas afins. B. de Paiva despontou justo para sanar isso, numa escala nacional, como observa o jornalista e dramaturgo Sérgio Maggio. A partir da criação do Teatro do Estudante do Brasil (TEB), em fins dos anos de 1930, pelo mecenas Paschoal Carlos Magno, B. de Paiva desperta para instrumentalizar instituições em moldes similares no Ceará e no DF. O TEB trouxe à cena personalidades riquíssimas como Cacilda Becker, Sérgio Cardoso, Agildo Ribeiro e Sérgio Britto. “O Brasil demorou a experimentar o teatro com as vivências dos atores, e isso foi possível com a modernização proposta pelo TEB. O B. de Paiva entendeu a mecânica disso, repassada para ele, e teve o intelecto de replicar, com base numa extensão que uniu educação e teatro; além disso, aprendeu muito do ofício com Dulcina de Moraes. Em Brasília, por exemplo, ele foi uma espécie de tutor da carreira da Françoise Forton”, explica Maggio.

Entre as inesquecíveis contribuições de B. de Paiva, o ator e diretor Tullio Guimarães lembra do Flaac. “O festival era na UnB, e reunia teatro, música e circo, no câmpus, a partir de companhias do mundo inteiro. Com trânsito, e muito respeitado junto aos governos, B. de Paiva obteve feitos como o de, com patrocínio do Banco do Brasil, instituir o Temporada Nacional, que trouxe figuras como Antunes Filho, Gerald Thomas e Bia Lessa para Brasília, antes da existência do atual Cena Contemporânea. B. de Paiva era um guerreiro, um intelectual, acessível e generoso, que gostava de conversar e conviver. Lembro muito de Frei Tito — Vida, paixão e morte, uma montagem com ele e alunos do Dulcina e da UnB, feita em 1992, e que, numa apresentação especial, contou com a presença de familiares de Frei Tito (emblemática figura torçada durante a ditadura)”, conta Tullio, que à época de aluno da Faculdade Dulcina, obteve uma bolsa de estudos oferecida por B. de Paiva, um assíduo cliente da venda de sanduíches naturais a cargo do remediado estudante Tullio.

Entre infindáveis feitos de B. de Paiva para a capital estiveram o auxílio na criação do Ministério da Cultura e a direção da Funarte. Em Brasília, dirigiu temporadas com a icônica Glauce Rocha, à frente de peças como *Um uísque para o rei Saul*, *O exercício* e *Antígona*. O diretor Fernando Guimarães estreou sob a direção de B. de Paiva, em *Bodas de sangue*, acompanhado por Dulcina de Moraes. Atriz da cidade, Carmem Moretzsohn nunca esquece de Pequenos burgueses, obra de Máximo Gorky estrelada por João Antônio, e na qual B. de Paiva fazia um personagem bêbado, “de forma brilhante”. Pimentas do reino, no começo dos anos de 1990, foi estrelada por Alexandre Ribondi e Moretzsohn, e trazia uma brincadeira com um recorte na história do Brasil. “B. de Paiva tinha um humor muito particular de cearense, gostava de brincar com as palavras. Ele era muito criativo e talentoso, sempre com uma direção cuidadosa. Gostava muito das gargalhadas dele”, conta Carmem. Fosse em leituras dramáticas, comandadas na Embaixada da França — que trouxe textos como *Entre quatro paredes* (de Jean-Paul Sartre), ou em espetáculos como o da crítica à crítica teatral *A distância da lua* (dirigido por Fernando Guimarães), Carmem é enfática num veredito: “Contracenar com B. de Paiva era maravilhoso”.

*Estagiário sob a supervisão de Severino Francisco

O ADEUS A UM DESBRAVADOR DO CINEMA

Evandro Matheus/Esp. CB/D.A. Pres



O cineasta e diretor de fotografia André Luis da Cunha, em imagem de 2008

Associado a pioneirismo do audiovisual na capital, a ações empreendedoras e ainda aos desafios da publicidade, o diretor de fotografia André Luis da Cunha, morto ontem em Brasília, aos 53 anos, trazia na bagagem gentileza e profissionalismo. “Ele escolheu a direção de fotografia e operação de câmera como sua área profissional de atuação sem prejuízo de outras atividades: produção executiva, roteiro e direção”, ressaltou, nas redes sociais, a professora da UnB Dácia Ibiapina. Ela relembrou feitos do aluno de cinema, na última turma designada pela UnB, que obteve sucesso com o curta *Áporo* (1996) e foi estagiário de Nelson Pereira dos Santos, em *A terceira margem do rio*, um marco na produção do DF. O corpo de André Luis foi sepultado, ontem, no Cemitério Campo da Esperança.

“Todo mundo ficou em choque; ficamos sem entender — sabíamos que o André enfrentava um momento difícil na vida”, observou o amigo André Carvalheira, sempre chamado de Xará. Profissionalmente, dividiram parte do set do curta *O perfumado* (2002). “Ele era diretor de fotografia, e sempre talentoso, tinha a qualidade de ser propositivo. Era ativo e tinha voz na feitura dos filmes. André era questionador e participativo, acrescentando para as narrativas de cada filme”, destaca Xará.

Responsável por marcantes fotografias de longas como *A concepção* (2005), de José Eduardo Belmonte, e *Barra 68 — Sem perder a ternura* (2001), de Vladimir Carvalho, André Luis acumula elogios de colegas. “Ele respirava cinema, mas se desdobrava em todas as ações do audiovisual. Ele era muito apaixonado pelo que fazia e, pelo ritmo de produção e agilidade conquistados na publicidade, abriu muitas portas profissionais”, explica o diretor Gustavo Galvão. “Quando eu comecei no cinema, André era uma referência em Brasília. Inexperiente, com o curta *Emma* na tempestade (2002), pensei justo em buscá-lo”, disse.

Atriz e diretora da cidade, Cibele Amaral destaca a prestabilidade do amigo, com quem se aliou, desde os primeiros projetos: formavam um time, com José Eduardo Belmonte e René Sampaio, em ações desbravadoras do cenário local. “Ele inclusive foi dos produtores do longa *Subterrâneo* (filmado no Conic). Estive em filmes com ele, como o *Três* (1995) e *Angélica* acorrentada (2012). Às vezes, o André tinha um temperamento explosivo, sem ser fácil; mas ele tinha um grande coração e era uma pessoa talentosa”, ressalta Cibele.

O diretor gaúcho Fabiano de Souza, que fez seis filmes com André, conta que o colega abraçava os projetos mesmo com as eventuais limitações de orçamento. “Havia sempre um fundamento estético. Na conexão do preto e branco, ele apostou no *Sinistro* (2000), do René Sampaio e 5 naipes, filme meu de 2004. A utilização da câmera na mão, com a energia da adrenalina, é clara em filmes com os de José Eduardo Belmonte e Gustavo Spolidoro”, resume.

Representante na transição entre a película e o digital, em meados dos anos 2000, André Luis da Cunha se projetou ainda com o documentário *Nande guarani* (2008), selecionado para o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, evento que, em 2021, contou com a ajuda dele na seleção dos filmes. (RD)